

História e iconografia de Belém, em *Últimos Dias de Carlos Gomes*

Luiz Tadeu da Costa¹

Resumo

Uma análise iconográfica da tela *Últimos Dias de Carlos Gomes* de Domênico de Angelis e Giovanni Capranesi, pertencente ao Museu de Arte de Belém-MABE, como subsídio aos estudos de História da Arte. Pontuando, algumas marcas na obra, que elucidam a relação de Belém com os movimentos científicos-culturais difundidos no século XIX na Europa.

Palavras-chaves: Iconografia, Museu, História, Memória e Arte.

Abstract

An iconographic analyse of the picture *Últimos Dias de Carlos Gomes* by Domênico de Angelis and Giovanni Capranesi, allows to the Museum of Art of Belém-MABE, as possibility to the studies of History of Art. Matching, some signs in the picture, that show the relation of Belém with the scientific-cultural movements developed in Europe in the century XIX.

Keywords: Iconography, Museum, History, Memory and Art.

A descolonização que se registrou mais tarde foi política mas não cultural; pode dizer-se por conseguinte que o mundo dos museus, enquanto instituição e enquanto método de conservação e de comunicação do patrimônio cultural da humanidade, é um fenómeno europeu que se difundiu porque a Europa produziu a cultura dominante e os museus são uma das instituições derivadas dessa cultura.

(Entrevista Varine-Bohan, 1979:9-21)²

O Ciclo da Borracha na Amazônia, sobretudo na cidade de Belém do Pará no final do séc. XIX, deixou um legado cultural muito rico para pesquisas em todas as áreas do conhecimento humano. No tocante às artes plásticas, temos na pintura da tela *Últimos Dias de Carlos Gomes* de Domênico de Angelis e Giovanni Capranesi, um óleo sobre tela de 1899, pertencente ao Museu de Arte de Belém-MABE, uma das mais interessantes imagens desse período. A narrativa visual expressa na obra, se entrelaça com as histórias da cultura, da política, da economia, da sociologia e certamente com a história da arte de um lugar que vislumbrou seu desenvolvimento citadino amparado nos modelos europeus de progresso.

¹ Mestre em comunicação e Semiótica pela PUC/SP, Especialista em Museologia pelo MAE-USP, Professor da Universidade da Amazônia-UNAMA, Técnico em Assuntos Culturais do Museu de Arte de Belém-MABE/FUMBEL

² VARINE-BOHAN, H. Os museus e o mundo – Biblioteca Salvat de grandes temas: São Paulo, 1979.

II Encontro de História da Arte, IFCH-Unicamp, 27 a 29 de Março de 2006, Campinas, SP

Considerando a tela *Últimos Dias de Carlos Gomes* como subsídio histórico aos estudos museológicos na (re)constituição da trajetória do acervo do MABE, faremos uma análise iconográfica, na medida em que a disciplina aplicada, Museologia, necessita decodificar o maior número de informações possíveis contidas nos objetos, para poder salvaguardá-los – documentar e conservar, e, posteriormente, contribuir na relação comunicacional dos objetos com os observadores num cenário musealizado, a fim de devolver à sociedade o seu Patrimônio.

Desta feita, a representação visual aqui selecionada coaduna com a definição de Panofsky, para quem...”A iconografia é, portanto a descrição e classificação das imagens, ...; é um estudo limitado e, como que ancilar, que nos informa quando e onde temas específicos foram visualizados por quais motivos específicos”(1955:53).

Portanto, baseado nos Relatórios Municipais da “Era Lemos” (1897-1911), esta análise iconográfica, convida para um entendimento da imagem, uma vez que se constitui em um documento revelador sobre a instauração utópica de modernidade em Belém, a partir do final do século XIX, assim como indicador de uma posteridade vivida hoje, desde o final do século XX.

Inicia-se esta análise, considerando a emblemática tela *Última Dias de Carlos Gomes* (Figura 1), como testemunha de um período histórico, assim como portal de entrada da *belle époque* de Belém, na perspectiva de desvelar esse pedaço da Amazônia à civilização.

Figura 1



A 17 de setembro de 1899, inaugurei no salão de honra da Intendência uma grande tela allegorica, representando os ultimos dias de Carlos Gomes, fallecido n'esta capital a 16 de setembro de 1896. É um formosissimo trabalho artistico dos pintores Domenico De Angelis e Giovanni Capranesi os quais receberam por elle innumerous elogios da critica européia (Lemos,1897-1902: 204)³

No afã pela modernidade, Antonio Lemos, intendente em Belém de 1897 a 1911,

³LEMOS, Antonio José de. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém. Belém: Archivo da Intendência Municipal de Belém, v.1. 1897-1902. p. 204.

II Encontro de História da Arte, IFCH-Unicamp, 27 a 29 de Março de 2006, Campinas, SP

encomenda um espetáculo pictórico - entendendo espetáculo como espaço da utopia, onde se constrói a Idade do Ouro.

Após a morte do famoso maestro campineiro em Belém do Pará, em 16 de setembro de 1896, os dois artistas plásticos italianos, Domenico De Angelis e Giovanni Capranesi, começam a construção da imagem a partir de fotos enviadas de Belém a Itália pelos contratantes do referido trabalho, levando três anos para concluírem a obra, em 17 de setembro de 1899.

Para compor a cena, apenas homens e, especialmente, aqueles que compactuavam com a ideologia política dominante da elite socioeconômica de Belém, confirmando a mentalidade histórica desse período. Nesse sentido, essa tela de exuberante dimensão (2,24 X 4,84m), representa alguns grupos sociais como os políticos (no centro-direito, ao fundo, ao lado do maestro), os militares (à direita), a figura eclesiástica (primeiro plano à direita), os sociáveis da época – jornalistas, médicos, professores (à esquerda), e os artistas, os próprios autores da tela (no fundo à esquerda). Todos muito bem caracterizados pelas suas roupas e insígnias, reflexo da construção de um simulacro de cidade moderna na Amazônia nos moldes europeus.

Após o término desse período utópico em Belém, aproximadamente em 1912, com a queda da borracha, a tela vira o documento, a matéria que emerge para o plano do visível, as marcas de uma retórica mimética deixada pelos artistas no espaço pictórico. A estrutura formal da imagem, cuidadosamente elaborada através de cores, linhas, pontos e formas, forjam, num ambiente idealizado, uma realidade não acontecida, o que poderia de certa forma caracterizar o conteúdo da tela como abstrato, porém, de estilo acadêmico, a pintura retrata pessoas reais, num cenário recheado de elementos do ecletismo arquitetônico vigente à época, e facilmente encontrado em Belém.

O verdadeiro estado em que se encontrava Carlos Gomes nos seus últimos momentos, sozinho num quarto simples deitado em uma rede, foi registrado por meio de fotografias, e noticiado em jornais da época. Entretanto, o que forra a memória do belenense é a montagem de uma morte espetacular, retratada numa tela que além de receber a assinatura dos autores, contém suas presenças.

Pela infidelidade à cena da morte, a tela dignifica o falecimento do maestro campineiro, que mesmo depois de anos morando na Itália e sendo monarquista, recebe exéquias de herói em terras brasileiras, em plena República.

Ressalto que os retratos do fotógrafo Felipe Augusto Fidanza originaram a feitura não só da referida tela, como também de mais quatro que os pintores italianos realizaram sob encomenda de

II Encontro de História da Arte, IFCH-Unicamp, 27 a 29 de Março de 2006, Campinas, SP

Antonio Lemos. Das cinco telas, apenas duas ficaram em Belém, a já citada no Paço Municipal e uma outra na Escola de Música do Pará, as demais ficaram em exposição em uma casa comercial na Rua do Ouvidor, nº 83 -Rio de Janeiro, e nunca mais foram vistas.⁴

Num artigo assinado por Antonio Marques de Carvalho, do jornal “A Província do Pará”, de 17 de setembro de 1899, há um comentário descritivo detalhando cada personagem integrante da tela alegórica, assim como os objetos cenográficos encontrados na obra. Saliento que o autor desse artigo, funcionário do jornal “A Província do Pará”, encontra-se no centro da tela, à direita do Intendente Antonio Lemos, que também era redator-chefe desse jornal. Demonstrando a participação da imprensa local, na criação do mito romântico Carlos Gomes no imaginário do belenense.

Os redirecionamentos sociais da elite urbana à uma dependência aos centros hegemônicos do capitalismo industrial. E, sem dúvida, o consumo por tudo que vinha da Europa, especialmente as modas francesas, seduzindo e alterando o comportamento da sociedade de Belém, evidenciado nos álbuns de fotografias, jornais, revistas, cartões-postais e materiais publicitários que circulavam na cidade durante sua *belle époque* da borracha.

Outro dado importante desse período, presente na tela dos “últimos dias”, era a mentalidade do movimento Romântico, que através da obra literária “O Guarany” de José de Alencar, inspirou duas releituras em formas distintas de expressão artística – Música e Pintura. Certamente, “*Il Guarany*”, é uma das óperas mais conhecidas de Carlos Gomes, tendo sido inclusive encenada em Belém, no Teatro da Paz, nos anos de 1880 e 1882.

Portanto, merece destaque na obra *Últimos Dias de Carlos Gomes*, a presença da tela “Salvação de Cecy por Pery”, também de De Angelis, que se encontra em Manaus-AM, fazendo alusão ao momento em que Pery, “o bom selvagem”, salva Cecy nos braços do incêndio na floresta. Vista ao fundo, ao lado direito superior, traça uma interessante linha diagonal com a partitura, em primeiro plano sobre o piano, ao lado esquerdo, ...”Sobre a estante do instrumento, abre-se a partitura do Guarany na ária em que Pery declara apaixonado a Cecy: Sento una forza indomita!”.(Lemos, 1897-1902:404)⁵

Atualmente, a tela alegórica sobre a morte do maestro, se encontrar na sala Domenico De Angelis do MABE, criando uma coincidência histórica muito curiosa, pois essa mesma sala foi o Gabinete do Intendente Antonio Lemos e o local que a tela decorou, enquanto o Intendente

⁴ ...”A nota, publicada no “Diário do Gram-Pará”, de 26 de outubro de 1896, ainda dizia que as telas seguiriam para a Itália. Nunca mais foram vistas”.(Leal, 1998:39)

⁵ LEMOS, Antonio José de. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém. Belém: Archivo da Intendência Municipal de Belém, 1897-1902. v.1. pp. 403-409.

procurava prédio para abrigar as obras que adquiria a sua sonhada Pinacoteca.

Sendo assim, a tela permaneceu nessa sala até o momento em que precisou ser desmontada em 1989, quando o Palácio Antonio Lemos, com ameaça de desabamento, foi interditado para reformas urgentes. A partir do momento em que foi desenrolada para restauração em junho de 1993, a inaugural tela do acervo do MABE, tem ficado em exposição na Sala Domenico De Angelis, desde 12 de janeiro de 1994, ocasião em que o Palácio Antonio Lemos, reabriu suas portas, possibilitando abrigar um Museu em condições técnicas favoráveis.

Portanto, reconhecer o patrimônio como possibilidade de compreensão do sujeito social, é uma das reflexões acerca do caráter educativo e comunicacional que a tela *Últimos Dias de Carlos Gomes* nos apresenta, sobretudo no que toca uma das questões mais intrigantes da Museologia e da História da Arte, a tensão Memória e Poder. Na medida em que, na Amazônia, o final do “ciclo da borracha”, marca também o final da *belle époque* em Belém. Começa um período de recuperação, de reorganização, e de reinterpretação do legado dessa *belle époque* à posteridade, começo então, de construção de uma outra imagem da cidade. Mas que imagem é essa? Quem participa desta construção?

Provavelmente, os estudos em História da Arte colaborem no entendimento de mundo que se descortina a cada momento em que contextualizamos uma obra.

Referências Bibliográficas:

Relatório da Intendência

LEMOS, Antonio José de. **Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém** . Belém: Archivo da Intendência Municipal de Belém. v.1.1897-1902.

Livros

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. 3 volumes. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BRAGA, Theodoro. **A arte no Pará – 1888/1918** retrospecto histórico dos últimos 30 anos. Belém: Sup. Rev. Inst. Hist. Geográfico do Pará. v. VIII. 1933.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Museologia para professores: os caminhos da educação pelo patrimônio**. São Paulo: CEETEPS-CETEC, 1998.

_____, Maria Cristina Oliveira. **Museologia**: algumas idéias para a sua organização

disciplinar. Lisboa: ISMAG/ULHT, 1996. 38p (Cadernos de Sociomuseologia nº 9).

CALVINO, Ítalo. **Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia Das Letras, 1993.

CECIM, Vicente; FIGUEIREDO, Aline [et alli...]. **As Artes Visuais na Amazônia: Reflexões sobre uma Visualidade Regional**. Rio de Janeiro: FUNARTE; Belém: SEMEC, 1985.

COELHO, Geraldo Mártires. **O Brilho da Supernova: a morte bela de Carlos Gomes**. Belém: UFPA, 1995.

COELHO NETO, J. Teixeira. **Semiótica, Informação e Comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

CRUZ, Ernesto. **Das casas da câmara ao palácio Antonio Lemos**. Belém: Grafisa, 1973.

_____. **As edificações de Belém, 1783-1911**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1971. 301p.

FREIRE, Cristina. **Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo. São Paulo**: SESC: Annablume, 1997.

FONSECA, Rubem. **O selvagem da ópera**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

FOUCAULT, Michel. **Isto não é um cachimbo**. Trad.: Jorge Coli. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1989.

LEAL, Cláudio de La Rocque. **Retrato paraense**. Belém: Fundação Romulo Maiorana, 1998.

OSBORNE, H. **Estética e Teoria da Arte**. São Paulo: Cultrix, 1980.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. 3ª edição. São Paulo: Perspectiva. 1991.

POMIAN, K. Coleção Enciclopédia Einaudi/Memória-História 1. Porto: Imprensa Nacional. Casa da Moeda, 1991.

VARINE- BOHAN, Hugues de. *In Os museus e o mundo*. São Paulo: Biblioteca Salvat, 1979. 9-21p e 70-81p. (Biblioteca Salvat de grandes temas)

ZUMTHOR, Paul. **Tradição e Esquecimento**. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Hucitec, 1997.